

Presidente da República  
Luiz Inácio Lula da Silva

Secretária Nacional de Desenvolvimento do Esporte  
e do Lazer  
Rejane Penna Rodrigues

Universidade de São Paulo  
Reitor: Prof. Dr. João Grandino Rodas  
Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

Ministro do Esporte  
Orlando Silva

Diretora do Departamento de Ciência e Tecnologia  
do Esporte  
Prof. Dra. Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto

Escola de Artes, Ciências e Humanidades  
Diretor: Prof. Dr. José Jorge Boueri Filho  
Vice-Diretor: Prof. Dr. Edson Roberto Leite

## REVISTA LAZER & SOCIEDADE

Editor Executivo Internacional  
Prof. Dr. André Thibault (CAN/CA)

Editor Executivo Nacional  
Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha (BR/RS)

Coordenador Científico  
Prof. Dr. Edmar Antonio Stoppa (BR/RS)

Coordenadores temáticos  
Prof. Dra. Juliana Pedreschi Rodrigues (BR/RS)  
Prof. Dr. Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco (BR/RS)  
Prof. Dr. Sidnei Raimundo (BR/RS)

Comitê editorial  
Prof. Dr. Helder Ferreira Isayama (BR/RS)  
Prof. Dra. Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto (BR/RS)  
Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino (BR/RS)

Equipe de apoio editorial  
Alípio Rodrigues Pines Junior (BR/RS)  
Eduardo Motoyuki Pushiki (BR/RS)  
Francilda Oliveira de Medeiros (BR/RS)  
Janaina Carrasco Castilho (BR/RS)  
Júlio Ramos Ferreira da Silva (BR/RS)

Kleber Vinícius Barros Kachinski (BR/RS)  
Larissa Costa Silva (BR/RS)  
Rafaela Amorim Gomes (BR/RS)  
Rosana Fernandes dos Santos (BR/RS)  
Thais Helena Franceschini (BR/RS)

Revisores ad hoc nesta edição  
Prof. Dra. Christianne Luce Gomes (BR/RS)  
Prof. Dr. Fernando Mascarenhas (BR/RS)  
Prof. Dr. Giovanni Di Lorenzi Pires (BR/RS)

Prof. Dr. José Clerton Martins (BR/RS)  
Prof. Dra. Líana Abrão Romera (BR/RS)  
Prof. Dra. Valdelaine da Rosa Mendes (BR/RS)

\*\*\*\*\*

Editora Aleph  
Rua Dr. Luiz Migliano, 1110 Cj. 301 - 05711-900 - São Paulo - SP - Brasil  
Telefone: [55 11] 3743-3202 - www.editoraaleph.com.br - aleph@editoraaleph.com.br

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação  
(Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Biblioteca)

Lazer & sociedade / Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. - dez. 2010. - São Paulo : EACH/USP : Aleph, 2010-v. : 23 cm

Irregular.  
Resumos em inglês, francês e espanhol.  
Subtítulo: Lazer, educação e cidadania.  
Edição brasileira da revista *Loisir et société* = *Society and leisure*, ISSN 0705-3436, originalmente publicada em francês e inglês pela Université du Québec à Trois-Rivières.  
Editado em parceria com o Ministério do Esporte, Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer.  
Editor Executivo Nacional: Ricardo Ricci Uvinha. ISSN 2179-5371  
Editor Executivo Internacional: André Thibault.  
I. Lazer - Aspectos sociais. I. Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. II. *Loisir et société*.

CDD-306.4812

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos seus autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Ministério do Esporte ou da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer.

Venda proibida.

## Sumário

Mensagem do editor executivo internacional.....	5
<i>André Thibault</i>	
Mensagem do editor executivo nacional.....	7
<i>Ricardo Ricci Uvinha</i>	
Lazer, educação e cidadania: qual o papel da escola pública .....	9
<i>Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco</i>	
Do <i>chronos</i> ao <i>kairos</i> : os tempos da educação para o lazer .....	28
<i>Cae Rodrigues e Ricardo Peixoto Stevaux</i>	
Qualidade de vida e valores na contemporaneidade: um estudo hermenêutico sobre as possibilidades do ócio para a sociedade do consumo .....	43
<i>José Clerton de Oliveira Martins e Francisco Antonio Francileudo</i>	
Esporte televisivo, lazer e educação: implicações para a formação profissional em educação física .....	60
<i>Cinthia Lopes da Silva</i>	
Os luxos do lixo: representações sociais de lazer de catadores de papel.....	73
<i>Fernanda Caetano Cunha e Christianne Luce Gomes</i>	
Pessoas vivendo com HIV/AIDS e suas representações sobre o lazer em diferentes fases da vida.....	89
<i>Patrícia Herold, Giuliano Gomes de Assis Pimentel e Áurea Regina Telles Pupulin</i>	

Parques esportivos em Campo Grande (MS): desafios à inclusão.....	107
<i>Junior Vagner Pereira da Silva, Quezia Pinheiro Tosta, Marcieli Knapik, Angela Cristina Santos Gil Lins e Tânia Mara Vieira Sampaio</i>	
Cultura no lazer: uma referência de educação não formal no SESC São Paulo.....	126
<i>Yara Schreiber Dines</i>	

## Mensagem do editor executivo internacional

A revista *Leisure & Society/Loisir et Société* vem sendo publicada como um periódico científico internacional por quase 32 anos pela Universidade de Québec. A edição internacional é distribuída em trinta países e reúne colaboradores de diversos pontos do mundo. *Leisure & Society/Loisir et Société* é um periódico multidisciplinar dedicado à publicação de artigos temáticos ao lazer e a seus impactos nos mais distintos ambientes socioculturais.

Um agradecimento especial à Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer/Ministério de Esporte (SNDEL/ME), que apoiou essa importante colaboração bilateral entre a Universidade de São Paulo e a Université du Québec à Trois-Rivières (UQTR). É realmente um orgulho que a primeira edição brasileira da *Revista Lazer & Sociedade* esteja sendo publicada. Nosso objetivo comum é convidar pesquisadores latino-americanos, em especial os brasileiros, para contribuir no debate internacional sobre os estudos do lazer e seu papel no desenvolvimento de diversas sociedades pelo mundo. A qualidade desta primeira edição nos dá grande confiança em atingir tal intento.

Prof. Dr. André Thibault<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Vice-presidente, Organização Mundial do Lazer; diretor, Observatoire Québécois du Loisir; Université du Québec à Trois-Rivières, Canadá; <http://www.uqtr.ca/oql/>.

## Mensagem do editor executivo nacional

A *Revista Lazer & Sociedade* é editada pelo Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer da Universidade de São Paulo (GIEL/USP/CNPq), Brasil, em conjunto com o Département d'Études em Loisir, Culture et Tourisme – Université du Québec à Trois-Rivières (UQTR), Canadá. Tal atividade consiste na publicação de três edições especiais da revista *Leisure & Society/Loisir et Société*, originalmente publicada em inglês e francês pela UQTR.

O periódico é um dos veículos de publicação mais respeitados pela comunidade científica internacional temática aos estudos do lazer. Visa-se, na edição brasileira, à publicação exclusiva de artigos, originais e de revisão, submetidos por pesquisadores, em especial latino-americanos, produzidos no idioma português e com resumos em inglês, francês e espanhol.

Nesta edição, a *Revista Lazer & Sociedade* contempla a temática "Lazer, Educação e Cidadania" com a apresentação de oito artigos. Os artigos submetidos foram analisados por revisores *ad hoc*, convidados especialmente para esta edição, e por membros do GIEL/USP/CNPq.

A *Revista Lazer & Sociedade* não tem custos de assinatura, sendo que os exemplares de cada edição são prioritariamente distribuídos pela Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer/Ministério de Esporte (SNDEL/ME), principal colaborador do GIEL/USP/CNPq na referida publicação.

Espera-se que a *Revista Lazer & Sociedade* possa abordar o lazer numa ótica interdisciplinar, entendendo-o como componente universal da cultura humana, que assume formas e significados diferenciados de acordo com as características de determinada sociedade. A realização deste projeto pode contribuir para uma necessária articulação entre os estudos do lazer na América Latina com a produção acadêmica mundial nesse tema.

Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Membro diretivo da Organização Mundial do Lazer; líder do Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, Brasil; [www.each.usp.br](http://www.each.usp.br).

## Do *chronos* ao *kairos*: os tempos da educação para o lazer

Cae Rodrigues<sup>1</sup>  
Ricardo Peixoto Stevaux<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo central do presente artigo é compreender as sinergias entre os fenômenos “tempo” e “lazer”, buscando uma justificativa para a necessidade contemporânea de uma educação para o lazer. Para tanto, a pesquisa teórica é apresentada em três partes. Na primeira, destacam-se as transformações conceituais dos fenômenos “tempo” e “lazer”, principalmente no último século, e as principais relações que permeiam essas transformações. Na segunda parte, enfatizam-se as relações dos fenômenos “tempo livre” e “lazer” num contexto mais contemporâneo. Na terceira e última parte, busca-se justificar a necessidade atual da educação para o lazer, partindo das ideias apresentadas nas duas primeiras partes do artigo. Espera-se, a partir dessa discussão, colaborar para a construção conceitual da “educação para o lazer”, o que implica possíveis transformações tanto na teoria como na prática.

**PALAVRAS-CHAVE:** lazer; educação; tempo.

**ABSTRACT:** The central aim of this paper is to understand the synergies between the phenomena “time” and “leisure”, seeking an explanation for the contemporary need for an education for leisure. Therefore, the theoretical research is presented in three parts. The first brings the conceptual transformations of the phenomena “time” and “leisure”, especially in the last century, and the main

relationships that underlie these changes. The second part emphasizes the relations of the phenomena “free time” and “leisure” in a more contemporary context. The third and final section seeks to justify the current need for an education for leisure, built on the ideas presented in the first two parts of the paper. This discussion contributes to the conceptual construction of education for leisure, which implies possible changes both in theory and in practice.

**KEYWORDS:** leisure; education; time.

**RÉSUMÉ:** L'objectif principal de cet article est de comprendre les synergies entre les phénomènes «temps» et «loisir», en cherchant une explication pour la nécessité contemporaine d'une éducation pour le loisir. Ainsi, la recherche théorique est présentée en trois parties. Premièrement, elle montre les transformations conceptuelles des phénomènes «temps» et «loisir», en tant que les principaux relations qui sous-tendent ces changements, particulièrement au dernier siècle. Ensuite, la deuxième partie met l'accent sur les relations des phénomènes «temps libre» et «loisir» dans le contexte contemporain. Puis, en utilisant les idées présentées dans les deux premières parties de cet article, la troisième section justifie la nécessité actuelle de «l'éducation pour le loisir». Il est souhaitable que cette discussion puisse contribuer à la construction conceptuelle de «l'éducation pour le loisir», ce qui implique des changements possibles à la fois en théorie et en pratique.

**MOTS-CLÉS:** loisir; éducation; temps.

**RESUMEN:** El objetivo principal de este trabajo es entender las sinergias entre los fenómenos “tiempo” y “ocio”, en busca de una explicación de la necesidad contemporánea de una educación para el ocio. Por lo tanto, la investigación teórica se presenta en tres partes. La primera trata de las transformaciones conceptuales de los fenómenos “tiempo” y “ocio”, especialmente en el siglo pasado, y las principales relaciones que subyacen a estos cambios. La segunda parte trata de las relaciones de los fenómenos “tiempo libre” y “ocio” en un contexto más contemporáneo. La tercera y última sección trata de justificar la necesidad actual de la educación para el ocio, a partir de las ideas presentadas en las dos primeras partes del artículo. Se espera de este debate, contribuir a la construcción conceptual de la “educación para el ocio”, lo que implica posibles cambios en la teoría y en la práctica.

**PALABRAS CLAVE:** ocio; educación; tiempo.

<sup>1</sup> Doutorando em Educação, Universidade Federal de São Carlos. Contato: avenida Tancredo de Almeida Neves, 457/344 – 13561-260 – São Carlos-SP; e-mail: cae\_jah@hotmail.com.

<sup>2</sup> Licenciado em Educação Física, Universidade Federal de São Carlos. Contato: avenida Paulo de Arruda Correia da Silva, 46/D – 13575-842 – São Carlos/SP; e-mail: risanca@hotmail.com.

## Introdução e objetivos

Um dos fenômenos contemporâneos que se desvela na temática do lazer é a busca pela legitimação no campo da educação por meio de um trabalho crítico e interdisciplinar. Nesse sentido, se de um lado, enquanto campo de estudos e pesquisa, o lazer tem-se caracterizado pela busca de uma abordagem interdisciplinar no tratamento de questões postas pela área, por outro lado tem sido alvo de um processo intenso de valorização, que se revela em diferentes maneiras de consumo, de objetos e bens culturais – *shows*, livros, CDs, filmes, brinquedos –, de equipamentos – academias, centros de compras, parques temáticos, clubes – e de serviços – internet, viagens, passeios, bem como no que diz respeito à reivindicação de um direito, por parte da população, para uso efetivo de tempo e espaço passíveis de escolha e que não estejam predeterminados pela condição social (De Pellegrin, 2006).

Essa valorização do campo abre grande espaço para a “indústria do entretenimento”, que investe de maneira pesada na veiculação da concepção de lazer enquanto consumo (De Pellegrin, 2006), e o desejo pelo consumo aparece como uma das principais características da sociedade contemporânea.

De acordo com De Pellegrin (2006), para a maioria das pessoas, o lazer, assim como o que se faz no tempo de lazer, parece não possuir nenhuma vinculação com a sociedade em termos de valores, normas e interesses. Os indivíduos buscam a satisfação de necessidades reais (divertimento, descanso, vivência lúdica) baseados em atitudes individualistas e abstratas em relação ao lazer, como se as escolhas realizadas não tivessem nenhuma relação com o tipo de sociedade em que vivem e com suas contradições.

Entretanto, o lazer, enquanto fenômeno constituído historicamente, possui relações dialéticas com a sociedade, ou seja, a mesma sociedade que o gerou e exerce influências sobre o seu desenvolvimento também pode ser por ele questionada, na vivência de seus valores (Marcellino, 2000). Dessa forma, esse fenômeno não pode ser pensado isoladamente de outras práticas sociais nem de seu contexto.

Sendo assim, o lazer configura-se para nós como prática social, que se constitui enquanto “dimensão da cultura capaz de promover a conscientização dos indivíduos através de suas vivências e experiências (lúdicas ou não lúdicas) de diversos conteúdos culturais em um tempo e espaço próprios, tendo como dimensão fundamental a intencionalidade do ser” (Silva, 2008, p. 20-21). Essa perspectiva do fenômeno possibilita-nos um debate que considera os demais campos do conhecimento e proporciona uma articulação significativa com a educação.

Lazer e educação são campos que apresentam interfaces que podem ser pensadas em diversos contextos. Considerando que a construção dessas relações está fundada em um processo histórico, o objetivo central do presente artigo é compreender as siner-

gias entre os fenômenos “tempo” e “lazer”, buscando uma justificativa para a suposta necessidade contemporânea de uma educação para o lazer.

Para tanto, a pesquisa teórica é apresentada em três partes. Na primeira, destacam-se as transformações conceituais dos fenômenos “tempo” e “lazer”, principalmente no último século, e as principais relações que permeiam essas transformações. Na segunda parte, enfatizam-se as relações dos fenômenos “tempo livre” e “lazer” em um contexto mais contemporâneo. Na terceira e última parte, busca-se justificar a necessidade atual da educação para o lazer, partindo das ideias apresentadas nas duas primeiras partes do trabalho. Espera-se, a partir dessa discussão, colaborar para a construção conceitual da “educação para o lazer”, o que implica possíveis transformações tanto na teoria como na prática.

## Tempo e lazer

A proposta desta primeira discussão é analisar as mudanças mais significativas nas concepções e, conseqüentemente, nas práticas de lazer que ocorreram especialmente no último século, o que quase obrigatoriamente significa discutir as mudanças nas concepções de tempo que ocorreram nesse período. Segundo Woodcock (1990, p. 120), “não há nada que diferencie tanto a sociedade ocidental de nossos dias das sociedades mais antigas da Europa e do Oriente do que o conceito de tempo”. Visto pelos antigos gregos e chineses como um processo natural de mudança, representado pelos processos cíclicos da natureza, pela sucessão dos dias, noites e estações do ano, o tempo transforma-se, para o homem ocidental civilizado, em maestro de um mundo que vive de acordo com símbolos mecânicos das horas marcadas pela exatidão matemática do relógio (Woodcock, 1990).

A dependência do trabalho fabril, tendência que se tornou mais forte que o trabalho ocupado com os meios de subsistência de outrora, e a subsequente perda dos meios de organização, costumes e tradições da vida do trabalhador foram acompanhadas pela “perda de uma concepção de tempo vinculada aos ciclos naturais das sociedades pré-industriais” (De Decca, 2002, p. 63). Com a perda dessa concepção de tempo ligada aos ciclos naturais do meio rural, uma nova concepção de tempo se desenvolve no meio urbano. Um tempo para medir as atividades comerciais, um tempo que afirma a presença de uma doutrina puritana (o protestantismo), um tempo em sincronia com as práticas sociais e culturais que se expandiam na Europa entre os séculos XIV e XVI, um tempo regulamentado pelo relógio (De Decca, 2002). Nesse sentido, transformamos o relógio na “primeira máquina automática que conseguiu adquirir uma função social” (Woodcock, 1990, p. 122), tornando possível a “regula-

mentação e arregimentação" da vida dos homens, e assegurando o funcionamento de um novo sistema de trabalho (Woodcock, 1990, p. 122).

Se o tempo não é uma dimensão cronológica, medida em dias, meses e anos, "mas sim um horizonte de possibilidades do Ser", como afirma Joel Martins (1991), o Ser, no caso o ser humano, começava a conhecer possibilidades com que antes nunca sonhara. O conceito de tempo não só ganhava novas possibilidades, uma nova cara, mas se dividiu e ganhou diversas caras, com "personalidades" bem diferentes. Uma virtuosa, o "tempo de trabalho", a outra suspeita, "o tempo de não trabalho": é tempo de lazer e do descanso, ou é tempo do ócio e do desperdício? De qualquer maneira, surge uma nova noção antes desconhecida nas sociedades pré-capitalistas, a noção de perda e desperdício de tempo (De Decca, 2002).

Seguindo essa lógica, o tempo de trabalho pode ser visto como "tempo produtivo" e o tempo de não trabalho pode ser visto como "tempo de ócio", mas não aquele ócio glorificado da Antiguidade grega e latina, virtuoso tempo para reflexão e atividade que dá sentido à existência humana, mas um ócio carregado de valores sociais que partiam das ideias de reformadores religiosos como Calvino, como algo que estimula o vício e que afasta da salvação (Alvarez, 2002). Nessa perspectiva, que segue uma mentalidade religiosa de seitas protestantes, especialmente o calvinismo, o trabalho é tomado como fim em si mesmo, colocando-se como valor supremo e "como fim último que deveria suprir não apenas nossa existência material, mas também nossa vida espiritual. O ócio, por sua vez, será relegado ao plano do vício e do pecado" (Alvarez, 2002, p. 115). Com a ascensão da burguesia do trabalho, que edificou o comércio e a indústria, a ociosidade caiu em desgraça e poucos ainda lembravam-se do ócio como "mãe de todas as virtudes do homem" (Dumazedier, 2001, p. 53).

Porém, não seria por muito tempo que o ócio carregaria a pesada cruz na qual se pregavam vagabundos e pecadores, pois algo aconteceria que surpreenderia as expectativas dos que lutavam por um mundo mais homogêneo, em que o homem trabalharia, pensaria e agiria seguindo um código de moral e conduta igual para todos. Pois o processo de racionalização que caracteriza a modernidade ocidental constrói caminhos cada vez mais autônomos e heterogêneos para as diferentes dimensões da vida social. Nesse sentido, a religião, a arte, a ciência, os direitos e também o ócio percorrem caminhos cada vez mais distintos e diferenciados (Alvarez, 2002). O ócio não aparece mais somente como o "resto" não racionalizável de um mundo social dominado pela ideia do trabalho como vocação, como o tempo residual que não pode ser totalmente utilizado em favor da atividade produtiva" (Alvarez, 2002, p. 117), e o próprio "tempo livre", aquele tempo de "não trabalho", passa a ser uma esfera administrada da vida social.

Com isso, é o lazer que começa a passar por grandes transformações. Como esfera da vida social, o lazer começa a constituir-se em mercado e alguns fatores foram significativamente importantes como premissas necessárias para a constituição do mercado do lazer: o encurtamento da jornada de trabalho (constituindo-se em possibilidade de aumento do "tempo livre" para o lazer), a melhoria dos salários e dos direitos sociais do trabalhador (constituindo-se em possibilidade de maior consumo do lazer), a concentração dos capitais em busca de novas áreas de aplicação (constituindo-se em possibilidade de expansão dos espaços de lazer e da melhoria em geral da estrutura do lazer como produto), o progresso dos meios de transporte e a popularização do turismo (constituindo-se em possibilidade de maior contato com espaços de lazer antes inacessíveis), as inovações tecnológicas, que propiciaram o aparecimento de novos campos de atividades, como a televisão e o rádio (constituindo-se em possibilidade de maior divulgação do fenômeno "lazer", assim como incentivo para o consumo do lazer) (Vieitez, 2002).

Em suma, a mudança mais significativa do lazer foi a transformação de uma atividade predominantemente individual e privada para objeto de exploração sistemática do capital, pois, com a generalização do capital por praticamente todos os setores da vida social, também o lazer torna-se objeto de exploração econômica desse capital (Vieitez, 2002). O lazer assume uma característica fundamentalmente paradoxal, pois, ao mesmo tempo que o indivíduo passa a ter mais "tempo livre", junto de uma melhoria geral no universo estrutural do fenômeno "lazer", esse "tempo livre", controlado pelo capital (alicerçado em um mercado de lazer muito bem estruturado), torna-se, também, um tempo disciplinado pela lógica instrumental do cálculo e do planejamento. O ócio transforma-se em lazer administrado (Alvarez, 2002).

O próximo passo torna-se, de certa maneira, previsível. Com a mudança das características fundamentais do lazer,

concomitantemente, os mecanismos de *controle* do lazer mudaram de forma. Erigido em atividade econômica do capital e elevado à dimensão de atividade de massas, o lazer tornou-se objeto de controle *imediate* do capital. Mais que isso, combinando-se com a indústria cultural, tornou-se meio generalizado de *controle* social, caracterizando-se assim como *lazer alienado* (Vieitez, 2002, p. 144).

Nesse sentido, o "tempo de não trabalho", muito mais do que um "tempo de lazer" ou um "tempo de descanso", no sentido empregado pelo tempo para o ócio, bate ao mesmo ritmo e segue o mesmo caminho alienante do trabalho, como se o indivíduo se contentasse em vender sua força de trabalho como se fosse uma mercadoria, para

posteriormente poder usufruir o produto dessa venda no tempo fora do trabalho (Dumazedier, 2001). Como destaca Woodcock (1990, p. 123),

o operário transforma-se, por sua vez, num especialista em “olhar o relógio”, preocupado apenas em saber quando poderá escapar para gozar as suas escassas e monótonas formas de lazer que a sociedade industrial lhe proporciona; onde ele, para “matar o tempo”, programará tantas atividades mecânicas com tempo marcado, como ir ao cinema, ouvir rádio e ler jornais, quanto permitir o seu salário e o seu cansaço.

Finalmente, o tempo começa a perder as suas múltiplas e contraditórias “caras” e, gradativamente, vai de novo se tornando em um tempo único. Pois, seguindo essa tendência, na qual o “tempo de trabalho” e o “tempo de não trabalho” seguem o mesmo ritmo, o mesmo caminho, segue-se em direção à superação dessa divisão. O relógio não marca mais somente o rendimento produtivo dentro das paredes das fábricas, mas ganha autonomia para marcar também os passos cotidianos do homem fora do espaço de trabalho, no que Thompson chamava de *esportização do cotidiano*, e os *recordes*, as *performances*, os *desempenhos* e outros termos associados à produtividade do trabalho hoje formam a base dos treinamentos e competições esportivas e diminui progressivamente a distância entre “tempo de trabalho” e “tempo livre”. “Não é mais nas fábricas que o relógio assegura a posição de um bem que é signo de *status social*, seja pelo seu uso por patrões ou por trabalhadores, mas nas academias esportivas e nas competições onde o recorde e a *performance* são as medidas do novo *status social*” (De Decca, 2002, p. 72).

A importância desta primeira discussão está na compreensão das transformações mais significantes em torno do fenômeno “lazer” e a relação direta que essas transformações encontram no fenômeno “tempo”. Segundo Dumazedier (há quase 50 anos),

em menos de cinquenta anos, o lazer afirmou-se, não somente, com o uma possibilidade atraente mas, também, como um valor. [...] Nos dias de hoje, o lazer funda uma nova moral de felicidade. É um homem incompleto, atrasado e de certo modo alienado, aquele que não aproveita ou não sabe aproveitar seu tempo livre (Dumazedier, 2001, p. 25).

Nesse sentido, pretende-se, no seguinte tópico, aprofundar a discussão das relações entre o “tempo livre” e as práticas de lazer contemporâneas.

## Tempo livre e lazer: um encontro contemporâneo

*Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos... tempo, tempo, tempo, tempo... entro num acordo contigo; Por seres tão inventivo, e pareceres contínuo... tempo, tempo, tempo, tempo... és um dos deuses mais lindos...*  
– Caetano Veloso (Trecho da música “Oração ao tempo”, do disco de 1979 *Cinema Transcendental*)

Independente da época, para compreender a organização social, a cultura e até mesmo o misticismo acerca de uma sociedade ou civilização, deve-se compreender sua relação com o “tempo”. Pois o tempo não é somente uma sucessão de eventos que são registrados, uma justaposição de acontecimentos externos, mas origina-se das emaranhadas relações com as coisas em si mesmas, do homem sendo-com-outros-ao-mundo, e, nesse sentido, o homem é tempo (Martins, 1991). O homem é tempo no trabalho e o homem é tempo livre. Mas será que esses tempos são realmente diferentes?

Como já discutido anteriormente, com o cálculo, o planejamento e o lucro, ou seja, com a colonização do “tempo livre” pela racionalidade instrumental, os conceitos de “tempo de não trabalho” e de “tempo de trabalho” tendem cada vez mais a se aproximarem. Segundo Alvarez,

o que a princípio aparecia como um perigoso “resto” para a sociedade do trabalho, o tempo livre que, ao ser utilizado de modo autônomo pelas classes trabalhadoras, criava um espaço de resistência e crítica, vai se tornar gradativamente mais uma das esferas racionalizadas da vida social moderna (Alvarez, 2002, p. 118).

O “tempo livre” não é, nesse sentido, realmente livre, uma vez que carrega todo o peso de um mercado do lazer, de um compromisso com a obrigação, de um descompromisso com o ócio, da necessidade de diferenciar-se do tempo de trabalho. Mas, com a aproximação do tempo do lazer com o tempo de trabalho, o que ocorre é o oposto, e já são comuns os indivíduos que não conseguem se adaptar ao tempo desestruturado dos fins de semana, ou indivíduos que transferem sua obsessão pela atividade do tempo do trabalho para o tempo do lazer, buscando ser tão produtivo no ócio quanto no trabalho, gerando uma vocação não apenas para o trabalho, mas também para o lazer. O lazer não só se perde como possibilidade de uma alternativa à opressão da sociedade técnica, mas também se torna instrumento de duplicação dessa opressão (Alvarez, 2002).

Em face do aumento do tempo de lazer com relação ao tempo de trabalho e dos fenômenos emergentes dessa relação, houve um aumento considerável de estudos sobre o ócio, o lazer e o tempo livre nas últimas décadas, e “os sociólogos instrumentais saem na frente em busca de modelos capazes de garantir o melhor equilíbrio para uma sociedade cada vez mais voltada para o tempo livre” (De Decca, 2002, p. 72). Na atualidade, os estudos sobre o lazer seguem duas tendências distintas e antagônicas, uma que concebe o lazer cada vez mais como mercadoria e outra que considera o lazer como fenômeno social, cultural e historicamente constituído em nossa sociedade (Pinto, 2001). Os autores que trabalham com a visão do lazer como mercadoria consideram que:

O lazer é carregado do sentido de atividade, cumprindo as funções de descanso, divertimento e desenvolvimento social com fins moralistas (canalização das tensões e reduções dos problemas sociais; válvula de escape e meio de segurança da sociedade), compensatórios (manutenção do *status quo* e descanso voltado à recuperação da força de trabalho) e utilitários (instrumento de paz social e de mercadoria; entretenimento que demanda o consumo de atividades, bens e serviços) (Pinto, 2001, p. 92).

Já os autores que trabalham com a visão do lazer como fenômeno social entendem que da vivência do lazer podem emergir valores questionadores da própria ordem estabelecida, compreendendo o lazer como

componente da cultura, no seu sentido mais amplo, vivenciada no tempo disponível das pessoas, considerando-se, particularmente, a qualidade lúdica dessa vivência. Esse conceito de lazer articula-se com a experiência da recreação no sentido de recriar, gerar algo novo (Pinto, 2001, p. 93).

Nesse mesmo sentido, De Decca (2002) também defende duas visões antagônicas do lazer, que pode ser percebido como espaços e parcelas de tempo não administrados pelo capitalismo (que seria compatível com a visão de lazer como fenômeno social) ou pode ser visto sob o ângulo da administração do tempo livre complementar ao trabalho organizado oriundo da racionalização moderna do capital (lazer como mercadoria). Já Marcellino (1996) afirma que a tendência que se verifica entre os estudiosos na atualidade considera o lazer em vista do tempo (atividades desenvolvidas no tempo liberado das obrigações profissionais, tanto as de trabalho como as familiares, sociais e religiosas) e da atitude (tipo de relação entre o sujeito e a experiência de lazer).

Porém, com o crescimento e fortalecimento cada vez maior das “indústrias de lazer”, que explicita de forma clara que a administração do lazer é um negócio

extremamente rentável, o homem torna-se dependente desse consumo do produto lazer. Os pacotes turísticos são cada vez mais inflados com atrações que cativam cada segundo do turista consumidor, que não tem a oportunidade de um momento maior de contemplação, atrapalhando um possível processo de aprendizagem decorrente da reflexão sobre sua própria prática de lazer. O indivíduo, em vez de trazer para seu cotidiano o lazer, e aprender com essas práticas, prefere usar o lazer como “válvula de escape” ou de “fuga” do cotidiano. Mas Dumazedier já dizia que o lazer só é compreendido quando praticado dentro de uma dialética da vida cotidiana, pois “o lazer não tem qualquer significado em si mesmo” (2001, p. 32).

Parece que, em meio a todas as transformações que permearam o fenômeno “tempo” e, conseqüentemente, “lazer”, o homem se perdeu. Confundiui-se seu senso crítico, e a liberdade de escolha parece ser cada vez mais abafada pela ensurdecadora voz do capital, o que nos leva à pergunta motivadora deste artigo: será que chegamos ao ponto no qual se tornou necessária uma educação para o lazer?

### Considerações finais: os tempos da educação para o lazer

*Se, extirpando do peito o vício que a domina e que avilta sua natureza, a classe operária se levantasse em sua força terrível não para exigir os Direitos do Homem, que não passam dos direitos da exploração capitalista; não para reivindicar o Direito ao Trabalho, que não passa do direito à miséria, mas para forjar uma lei de bronze que proíba o trabalho além de três horas diárias, a Terra, a velha Terra, tremendo de alegria, sentiria brotar dentro de si um novo universo...*

– Paul Lafargue (1999, p.112)

Se a ideia de Lafargue fosse factualmente implantada, imagine quanto tempo disponível para o lazer o homem passaria a ter. Mas será que esse indivíduo saberia o que fazer com tanto tempo nas mãos, ou o único beneficiado dessa transição seria o vasto e diversificado mercado do lazer? Segundo Adorno, as pessoas perderam a sua capacidade criativa e “não percebem o quanto não são livres lá onde mais livres se sentem, porque a regra de tal ausência de liberdade foi abstraída delas” (1995, p. 74). Mas como será que a cultura do consumo conseguiu driblar a criatividade do homem e tornar-se a principal referência no campo do lazer?

Pois a resposta é bastante esclarecedora. Nas primeiras décadas do século XX, quando o desenvolvimento cultural dava os primeiros passos em direção a uma consolidação nacional, também se iniciava uma sociedade de produção industrial. E foi

assim, quase sem nenhuma tradição cultural, que entramos vulneravelmente na fase de produção, na fase de consumo, situação que sem dúvida favoreceu uma grande influência da indústria cultural, "que tende a gerar necessidades padronizadas, para maior facilidade no consumo, perpetuando ou dificultando a superação de uma situação de conformismo" (Marcellino, 2000, p. 62). Tudo o que a indústria cultural precisava era um meio de divulgação que atingisse o maior número de pessoas o mais rápido possível, mais eficiente que o jornal impresso, e até mesmo que o rádio, e não demorou muito para que a encontrasse.

A televisão, cuja influência determinou modificações sem precedentes na indústria cultural e, conseqüentemente, do lazer, apresentou números de aumento em compras que geraram uma curva pouco comum em qualquer economia doméstica (Dumazedier, 2001). Nos Estados Unidos (onde pela primeira vez a extensão do fenômeno pôde ser observada em escala nacional), em 1945, aproximadamente 10 mil televisores ocupavam as estantes dos americanos. Apenas três anos depois, em 1948, o número já chegava a mais de 1,5 milhão; dois anos depois, em 1950, já eram 10 milhões de televisores; em 1954, 30 milhões, e em 1959 o número chegava a mais de 51 milhões (Dumazedier, 2001). Se nos anos 1920 o comportamento social e o estilo de vida de lazer já seguiam normas e padrões divulgados pelo cinema, pela imprensa tabloide, pelas revistas de circulação de massa e pelo rádio (Featherstone et al., 1990), é possível imaginar a contribuição da televisão para esse quadro.

Com a popularização do aparelho televisor e com o avanço das tecnologias de transmissão audiovisual, propiciando programações cada vez mais diversificadas e inovadoras, a grande parte do tempo disponível passa a ser usufruída nos próprios locais de moradia (Marcellino, 2000), e são muitos os problemas dessa nova cultura sedentária. As atividades de lazer que requereriam certa mobilidade e gasto energético são trocadas por uma prática sedentária. Além do mais, é uma prática de lazer totalmente voltada ao consumo. Segundo Featherstone et al. (1990, p. 10), "a lógica interna da cultura do consumo depende do cultivo de um apetite insaciável para consumir imagens" e essas imagens são, na grande maioria, propagandas que incentivam a perpetuação de uma cultura de consumo indiscriminado.

Outro problema decorrente dessa cultura de lazer ligada à televisão é a sobreposição de culturas política e economicamente dominantes sobre manifestações culturais autênticas, tanto em nível global quanto regional. Não se pretende com essa afirmação classificar a televisão como veículo alienante, uma vez que esta apenas expressa uma manifestação socialmente construída, ou seja, é o próprio coletivo de indivíduos que, assistindo aos seus programas favoritos, escolhem e constroem uma programação. O grande problema é que essa programação sempre seguirá a tendência de uma cultura política e economicamente dominante. Nesse sentido, ocorrerá uma sobreposição dessas culturas dominantes, em nível global (países de primeiro mundo sobre países

de terceiro mundo) e regional (por exemplo, no Brasil, o eixo Rio-São Paulo sobre as demais regiões) sobre as manifestações culturais autênticas das demais regiões, como, por exemplo, uma valorização do *cowboy* americano sobre o sertanejo brasileiro, ou a valorização da beleza da mulher carioca sobre a da mulher nordestina. Marcellino (2000) afirma que esse fato, assim como "o crescente processo de urbanização, vem contribuindo para o desaparecimento de manifestações culturais autênticas, nos vários gêneros, notadamente das festas, tanto lúdico-religiosas como lúdico-folclóricas" (p. 70).

Diante desses fatos, de manifestações de lazer cada vez mais dependentes da indústria do lazer, que, alicerçada sobre a força da propaganda, rapidamente conquista novos espaços de atuação, destaca-se novamente a pergunta que deu origem a esta discussão: será que chegamos ao ponto em que se tornou necessária uma educação para o lazer? Para Marcellino (2000), o aprendizado para o desenvolvimento de atividades no "tempo disponível", de atividades de lazer, é necessário, e essa educação para o lazer consiste no aprendizado para o uso do tempo livre. Segundo o autor,

para a prática positiva das atividades de lazer são necessários o aprendizado, o estímulo, a iniciação, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, com o enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação (Marcellino, 2000, p. 58).

Como todo processo educativo, a educação da criança é um dos elementos fundamentais na tentativa de amenizar os problemas vigentes que permeiam o campo do lazer, mas não a educação da criança como "futuro adulto", e sim como consumidora ativa de cultura. Considerar a criança como um adulto potencial, pensando na transformação do corpo infantil brincante no corpo adulto produtor, supõe que a criança, como criança, nada é. Assim, "o brinquedo deixa de ser um fim em si mesmo e é instrumentalizado em nome da produtividade" e "a criança que brinca é nada mais que um meio para o adulto que produz" (Marcellino, 2000, p. 108). É nessa perspectiva que os estímulos para o lazer são orientados, em uma perspectiva de preparação infantil para a produtividade, o que ocorre pela inserção da criança em escolinhas especializadas em setores culturais de acordo com o que se espera para o seu futuro (Marcellino, 2000).

No entanto, a criança, como criança, é um dos principais alvos do mercado de lazer, pois, além de ter uma infinidade de produtos especificamente a ela dirigidos, também ajuda na formação de hábitos de consumo no âmbito familiar (Marcellino, 2000). Quando o coelhinho de certa propaganda de cereal cativa a criança, toda a família provavelmente passará a consumir esse cereal, ou quando os recreadores infantis de um hotel cativam a amizade de certa criança, muito provavelmente toda a família passará a frequentar o hotel em seu "tempo livre". Mas a criança, além de consumidora

de cultura, aliás, sendo consumidora de cultura, torna-se também produtora de cultura. Como produtora de cultura, a criança precisa de espaço para essa criação, pois, impossibilitada, torna-se consumidora passiva (Marcellino, 2000). O grande problema é que, na sociedade contemporânea, principalmente nos grandes centros urbanos, as crianças possuem cada vez menos tempo e espaço para essa criação, e a educação que não a considera em sua concretude (e sim como adulto potencial) tende a reforçar essa situação, ao invés de contribuir para mudanças (Marcellino, 2000).

Existem ainda outros riscos precedentes e que derivam da forma como se processa a educação para o lazer, como a possibilidade de se reforçar a ideologia dominante pela orientação por valores conservadores, "compensatórios" (prática de lazer que objetiva compensar a monotonia do trabalho ou da escola), "moralistas" (prática de lazer que reforça o código de moral vigente) ou "utilitaristas" (prática de lazer que reforça os interesses institucionais, como a ginástica laboral, que melhora a disposição do trabalhador ou a aula de educação física, que distrai o aluno entre as aulas "realmente importantes"), que centram os conteúdos e privilegiam o "produto" (Marcellino, 2000). A escola, estando exposta a esses riscos, carrega um papel muito importante no processo de educação para o lazer, uma vez que

os conteúdos vinculados durante as brincadeiras infantis bem como os temas de brincadeiras, os materiais para brincar, as oportunidades para interações sociais e o tempo disponível são todos fatores que dependem basicamente do currículo proposto pela escola (Kishimoto, 1999, p. 39).

No entanto, o que frequentemente se vê no âmbito escolar, nas tentativas de adaptação dos valores vivenciados no lazer com a prática educativa, é uma confusão entre "orientação e motivação" e o simples "deixar fazer", entre "facilitação para a liberdade de expressão" e "total omissão", o que é evidenciado por professores espectadores, ausentes do desenvolvimento de atividades, considerando-as como fins em si mesmas e não "parte de um plano de objetivos educacionais a serem atingidos" (Marcellino, 2000, p. 98). O professor deve assumir seu papel como parte ativa do processo educativo, facilitando os meios para a livre expressão da criança e apresentando as distintas e diversificadas alternativas que o lazer oferece. Só assim o lazer poderá assumir-se como potencialidade para o desenvolvimento pessoal e social, "tanto cumprindo objetivos consumatórios, como o relaxamento e o prazer propiciados pela prática ou pela contemplação, quanto objetivos instrumentais, no sentido de contribuir para a compreensão da realidade" (Marcellino, 2000, p. 60).

O lazer, enquanto manifestação humana, traz em seu seio as possibilidades de contestação e mudança de atitudes, que, expressas através de ações culturais, podem promover a transformação do estilo de vida das pessoas. Pensar nessa mudança de

postura diante do mundo, assim como em uma nova ordem moral e intelectual, através de uma sinergia entre educação e lazer, é uma possibilidade real.

Para tanto, o campo do lazer tem de ultrapassar a visão simplista apresentada pela indústria do entretenimento, uma visão que reproduz os valores da ordem vigente, regida pelo desejo do consumo. Assim como a educação tem de ultrapassar a visão conservadora, alicerçada numa visão de mundo fragmentada, simplificada, que, focando na parte, perde a riqueza das complexas relações manifestadas numa visão íntegra da realidade (Guimarães, 2004). A educação para o lazer começa na compreensão da relação ser-humano-mundo, pela qual o ser humano, enquanto sujeito histórico, deve ultrapassar o viver, deve existir, que é mais do que estar no mundo, é estar com ele, numa "dialogação eterna" do ser humano com o ser humano, do ser humano com o mundo (Freire, 2000).

Não poderia faltar nestes últimos parágrafos o amplamente discutido conceito de tempo, que permeou toda a apresentação deste artigo. Joel Martins, durante uma palestra proferida na PUC de São Paulo em 1991, relembrou os conceitos de tempo da Grécia Antiga para ressaltar que o homem não é *chronos*, ou seja, um tempo cronológico; o homem é *kairos*, um tempo de prosseguimento além da razão, um tempo vivido em uma determinação consciente e efetiva da nossa existência.

Não há dúvida de que, por toda construção histórica, o *chronos* faz parte do *kairos*, faz parte de nossa percepção de mundo. O grande problema, a nosso ver, é quando as rédeas do tempo estão sob domínio do *chronos*, uma maneira de estar no mundo susceptível ao mercado do lazer, um isolamento perceptivo no lazer de consumo. Considerar o tempo de nossa experiência no mundo é considerar que os tempos de lazer englobam muito mais do que as limitações do tempo *chronos*: o tempo do ócio, da criação, do prazer, da angústia, da educação, em suma, os diversos tempos de intencionalidade.

## Referências

- ADORNO, T. Tempo Livre. In: *Palavras e sinais: modelos críticos*. 2.ed. Vozes: Petrópolis, 1995.
- ALVAREZ, M. C. Racionalização, trabalho e ócio: reflexões a partir de Max Weber. In: BRUHS, H. T. *Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes*. São Paulo: Chronos, 2002.
- DE DECCA, E. S. E. P. Thompson: tempo e lazer nas sociedades modernas. In: BRUHS, H. T. *Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes*. São Paulo: Chronos, 2002.
- DE PELLEGRIN, A. Lazer, corpo e sociedade: articulações críticas e resistências políticas. In: PADILHA, V. (Org.). *Dialética do lazer*. São Paulo: Cortez, 2006.
- DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

- FEATHERSTONE, M.; HEPWORTH, M.; TURNER, B. S. *The body: social process and cultural theory*. Londres: Sage, 1990.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 24.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- GUIMARÃES, M. Educação ambiental crítica. In: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: MMA, 2004.
- KISHIMOTO, T. M. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- LAFAARGUE, P. *O direito à preguiça*. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1999.
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e educação*. 6.ed. Campinas: Papirus, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Estudos do lazer: uma introdução*. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 1996.
- MARTINS, J. Não somos chronos; somos kairós. Palestra proferida por ocasião do evento *O envelhecer na PUC*. São Paulo: PUC, 23 abr. 1991.
- PINTO, L. M. S. de M. Dicionário crítico da educação: Lazer. *Presença Pedagógica*, v. 7, n. 40, 2001, p. 90-93.
- SILVA, R. A. *Lazer e processos educativos: o olhar de gestores de clubes de empresa*. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu em Lazer) – Belo Horizonte: EEFPTO/CELAR/UFMG, 2008. 65 p.
- VIEITEZ, C. G. Marx, o trabalho e a evolução do lazer. In: BRUHS, H. T. *Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes*. São Paulo: Chronos, 2002.
- WOODCOCK, G. *Os grandes escritos anarquistas*. 4.ed. Porto Alegre: L&PM, 1990.

## Qualidade de vida e valores na contemporaneidade: um estudo hermenêutico sobre as possibilidades do ócio para a sociedade do consumo

José Clerton de Oliveira Martins<sup>1</sup>  
Francisco Antonio Francileudo<sup>2</sup>

**RESUMO:** O ócio e a qualidade de vida do ser humano. O estilo de vida, o consumismo e o ato de sempre fazer algo levam o ser humano a ter má qualidade de vida e a viver em uma "caverna" contemporânea. O ócio humanista, de Cuenca (2003), é apontado como auxílio para reverter essa situação e proporcionar boa qualidade de vida agregada à saúde física e mental do ser humano. Nesse caso, o ócio humanista de Cuenca é usado sob a perspectiva da hermenêutica e sob métodos qualitativos e interpretativos, com abordagens e experimentos que se ajustam às necessidades, aos interesses e às preferências do ser humano.

**PALAVRAS-CHAVE:** ócio humanista; contemporaneidade; qualidade de vida.

**ABSTRACT:** Leisure and the life quality of the human being. The life style, the act of consuming things and the act of doing something permits the human being to have a bad life quality and, to live in a "contemporary cave". The humanist cave of Cuenca (2003) is pointed in this case as a help to revert this situation, and to propose nice quality of life joined to physical and mental health. In this case, Cuenca's leisure is observed under the perspective of the hermeneutic view, and under the interpretative and qualitative methods that act to the necessities, interests and preferences of the human being.

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia e Pós-Doutor em Ócio e Desenvolvimento Humano. Professor titular do programa de pós-graduação em psicologia da UNIFOR. Contato: avenida Washington Soares, 1321 – 60811-905 – Fortaleza-CE; e-mail: jclertonmartins@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia pela UNIFOR e doutorando em Psicologia. Professor titular da Faculdade Católica de Fortaleza – FCF. Contato: avenida Alberto Craveiro, 2300 – 60861-212 – Fortaleza-CE; e-mail: fafleudo@hotmail.com.